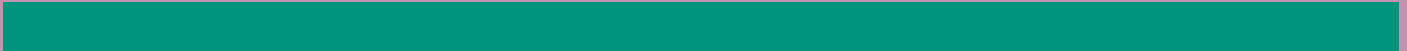


7^a RTE

VOL. 1 | JUNHO DE 2021

SISTEMA DELAS

PROJETOS FEMININOS GANHAM CADA VEZ
MAIS VOZ NA CULTURA SOUNDSYSTEM





revista

7^a RTE

VOL. 1 | JUNHO DE 2021

Universidade Anhembi Morumbi
Coordenação do curso de Jornalismo:
Prof. Dr. Bernardo Queiroz Revista
Produzida para a disciplina "**Práticas em Jornalismo:**
Revista",
sob orientação da Profa. Dra. Nara Lya Cabral Scabin,
no 1º semestre de 2021

Sumário

pág 5 - Um Setor em Risco, por João Nogueira

pág 11 - "Nomadland": O reflexo da incansável máquina capitalista, por Tales Pavanato

pág 14 - Uma linha tênue entre clichê e emocionante: sob os olhos de George Clooney, a adaptação do livro "O Céu Da Meia Noite" para filme, por Juliana Queiroz e Valentina Favaron

pág 18 - Industria Audiovisual: A realidade dos profissionais de som em meio ao pandemônio nacional, por Lucas Almeida e Renan Honorato

pág 21 - **Sistema Delas: Projetos femininos ganham cada vez mais voz na cultura SoundSystem**, por Alice Castelo e Mariana Souza

pág 27 - Cidade de Deus: Até onde a trama retrata a realidade das comunidades? por Lucas Almeida e Renan Honorato

pág 29 - Cidade Invisível: a série traz visibilidade? por Ellen Coutinho e Rafaela Oliveira

pág 31 - "Alucinações Coloridas", uma crônica por Juliana Queiroz

Carta ao Leitor

Em 1923, Ricciotto Canudo, intelectual italiano, escreveu um documento chamado “Manifesto das Sete Artes”, que denominava as 7 artes clássicas, incluindo o cinema como a última. Nele, Canudo montou um sistema que dividia as artes com sua relação de espaço e tempo, como exemplo, pintura e música, respectivamente.

O cinema, considerado como o último tópico, se configura assim por ser a junção de todas as outras, a imagem projetada contém movimento, ritmo e tempo, sendo uma síntese desses elementos.

Desde os primórdios, o cinema foi visto como uma poderosa ferramenta de inspiração, aprendizagem, emoção e reflexão para a sociedade, o que explica o seu desenvolvimento para sua importância e relevância nos dias atuais.

A revista 7ª RTE se inspira nessas colocações e surge com o objetivo de colaborar para a difusão do audiovisual e explorá-lo também dentro da cultura brasileira.

Por meio de uma comunicação que entretenha de forma inteligente, informe de maneira descontraída e traga as experiências que o audiovisual proporciona, demonstramos a dimensão que essa arte tem em nossas vidas.

Te convidamos a fazer parte dessa experiência e mergulhar no universo da sétima arte, que é tão amplo, quanto maravilhoso.

por Juliana Queiroz

UM SETOR EM RISCO

COM FUNDOS SETORIAIS PRATICAMENTE PARADOS E AS INCERTEZAS GERADAS PELA PANDEMIA, OS PROFISSIONAIS DO AUDIOVISUAL BRASILEIRO SOFREM FINANCEIRAMENTE E LUTAM PARA NÃO PERMITIR QUE A PARALISIA TOME CONTA DE TODA A CATEGORIA

por João Nogueira

Antes mesmo da pandemia de Covid-19, o audiovisual brasileiro já enfrentava dificuldades. A vitória de Jair Bolsonaro (sem partido) à presidência em 2018, limitou investimentos federais na área da Cultura, atingindo o setor. É como se a promoção da Cultura e os recursos na área (assegurados na Constituição Federal, no Art.215) não fossem mais obrigações de Estado.

Neste contexto, a chegada do coronavírus foi o que faltava para agravar a crise no audiovisual. Para entender as dificuldades que vivem profissionais da área, a reportagem da 7arte ouviu Thassia Moro, coordenadora executiva do Belas Artes Grupo; Malu Andrade, ex-desenvolvedora de políticas afirmativas da Spcine e fundadora da organização "Mulheres do Audiovisual Brasil"; e Lívia Fusco, pesquisadora do cinema latino americano e ex-colaboradora da Cinemateca Brasileira, que viu de perto um dos maiores símbolos do cinema brasileiro fechar as portas em julho de 2020.

QUANDO A CRISE COMEÇOU?

Para Thassia Moro, o mercado tem enfrentado dificuldades desde meados de 2015. Mas foi em 2018 que a crise começou a se aprofundar, principalmente, com a vitória de Bolsonaro na

corrida presidencial: "O Governo atual avisou de um jeito brusco que tiraria os incentivos e investimentos na cultura". Ela conta que os fundos de audiovisual estão parados e os profissionais que dependem destas verbas estão bem abalados.

A relação com o governo atual abriu um novo cenário para o mercado. Nesta nova realidade, as grandes empresas de streaming, como a Netflix e Amazon, tentam ocupar esse vácuo deixado pela escassez de recurso público, mas, para Thassia, essa configuração atual "cria um monopólio". Ela também chama atenção para outro detalhe: a qualidade oferecida por este tipo de cinema.

Antes da crise sanitária, em 2019, o "Belas" já sofria com os cortes de verba federal para a Cultura, o cinema ficou sem o patrocínio master da Caixa (banco público), mas encontrou na cervejaria Petra cervejaria um novo parceiro. A porta-voz do grupo explica que o aporte de um patrocinador é importante, pois "financia o aluguel do cinema", localizado em umas

A Antes da crise sanitária, em 2019, o "Belas" já sofria com os cortes de verba federal para a Cultura, o cinema ficou sem o patrocínio master da Caixa (banco público), mas encontrou na cervejaria Petra cervejaria um novo parceiro. A porta-voz do grupo explica que o aporte de um patrocinador é importante, pois "financia o aluguel do cinema", localizado em umas das regiões mais nobres de São Paulo. Já em relação ao restante da operação, "é tudo por conta da bilheteria".

Com as restrições provocadas pela Covid-19, o cinema permaneceu de portas fechadas na maioria dos meses de 2020 e, sem bilheteria, precisou recorrer a diversas iniciativas para manter os cerca de 60 funcionários. Dentre as ações, Thassia elenca crowdfunding, leilões, drive-in e editais.

Com a piora da pandemia do coronavírus em 2021, o número de funcionários teve que ser reduzido. As dispensas são dolorosas não somente para os colegas de trabalho, mas também para o público: "A nossa troca com o público é diferente, os funcionários são amigos dos clientes", diz Thassia. O companheirismo explícito na fala da entrevistada é o que pode explicar o modo como o cinema supera as dificuldades ao longo do tempo.

Com os protocolos sanitários, o custo de fazer cinema aumentou e poucos filmes chegam para o público: "o que foi produzido é muito pouco, porque o custo triplicou". Os filmes produzidos durante o isolamento social também enfrentam dificuldades comerciais:

"O BELAS ARTES É UM PONTO DE RESISTÊNCIA, FECHA, ABRE, FECHA E ABRE, O CINEMA DE RUA É DIFERENTE DE CINEMA DE SHOPPING, PORQUE AS PESSOAS VÃO AO BELAS PARA VER UM FILME"



Imagem postada pelo perfil dos cinema Belas Artes promovendo a nova modalidade de exibições de filmes (Reprodução: Instagram)

"o filme não chega, porque não tem público e cinema é o que dá dinheiro, as produções precisam necessariamente passar pelas salas de cinema, sem isso elas não podem ser comercializadas por aluguel nas plataformas digitais e não vão para o serviço de streaming (última janela desta cadeia)".

Além do cinema de rua, o Belas Artes Grupo também conta com a distribuidora de filmes independentes Pandora, que precisou rever inúmeros contratos por conta da pandemia. Apesar disso o "Belas Artes À La Carte", serviço de streaming criado em 2019, de acordo com Thassia, "bombou".

Mesmo sem muita certeza de quando poderá reabrir, o "Belas" continuará resistindo e esperando por seu público: "os paulistanos têm cada vez menos relação com os espaços da cidade, mas o Belas já conquistou o seu lugar, pois esse cinema pertence à cidade".

POLÍTICA E AUDIOVISUAL

As políticas públicas são fundamentais para o audiovisual brasileiro sobreviver. Em 2015, durante sua primeira passagem pela Spcine, Malu Andrade organizou um encontro, para atender demandas das mulheres do setor. Ali, nascia o "Mulheres do Audiovi -

sual Brasil", grupo que começou com 15 participantes, mas hoje conta com cerca de 22 mil profissionais. Dentre as conquistas alcançadas, ela ressalta: "a interseccionalidade feminista, o grupo, de fato, abraça a diversidade, serviu (o grupo) para que as mulheres do setor conhecessem outras mulheres, principalmente as mulheres negras".

O grupo passou a ser utilizado como plataforma, catapultando a criação de coletivos, alguns, de acordo com a fundadora, hoje não necessitam mais de apoio, pois já alcançaram a sua própria autonomia. A iniciativa se provou de sucesso, funcionando como uma vitrine para profissionais, dando visibilidade não só às mulheres, mas também para profissionais LGBTQIA+.

A experiência mostra que a classe organizada pode encontrar, sem a necessidade de órgãos oficiais, soluções para alguns gargalos. Entretanto, alguns temas são de competência do órgão regulador do cinema brasileiro, a Ancine (Agência Nacional de Cinema), que infe-

lizmente, vive um caos institucional. . Malu acredita que o órgão entrou em crise no ano de 2018, ainda no governo do ex-presidente Michel Temer (MDB). Na época, o TCU, Tribunal de Contas da União, identificou problemas no Sistema de Prestação de Contas da Ancine e, ao invés de tentar contornar o problema, a direção da agência, naquele momento, preferiu paralisar o funcionamento da instituição.

A paralisia da Ancine afeta até obras premiadas internacionalmente. Malu cita a situação do longa "Meu Nome é Bagdá", de Caru Alves de Souza, vencedor do Grand Prix da mostra Generation 14plus, do 70º Festival de Cinema de Berlim. "O dinheiro do fundo foi sequer liberado", afirma.

Para ela, fazer cinema assim gera uma insegurança jurídica e financeira em quem produz, pois os profissionais não sabem se conseguirão pagar os empréstimos que tomaram dos bancos para gravar suas obras: "os produtores não têm resposta da Ancine".



Sala 3, do cinema mais charmoso de São Paulo (Foto: Thaís Moro)

"NOS ANOS DOS GOVERNOS DO PT, O FOCO FICOU NO SIMBOLISMO DA CULTURA, QUE TEM A SUA IMPORTÂNCIA, MAS OS GESTORES PÚBLICOS NÃO CONSEGUIRAM DEMONSTRAR PARA A POPULAÇÃO A IMPORTÂNCIA DA CULTURA COMO UM NEGÓCIO"

MALU ANDRADE

Malu classifica o momento vivido pelo audiovisual como um "desmonte" que surgiu e está em andamento graças às decisões do Governo Federal.

Apesar do desmonte ser uma obra aparentemente proposital, o audiovisual sustenta uma cadeia de empregos. Dados da Secretaria Especial da Cultura mostram que as atividades culturais e criativas representam 2,64% do PIB brasileiro. Em 2016, o SEBRAE publicou um estudo analisando apenas o mercado audiovisual, em 2015, as empresas do setor foram responsáveis por adicionar na economia brasileira R\$ 20,8 bilhões.

Mesmo com os números expressivos, não há clareza entre a população brasileira sobre a importância que a Cultura tem como uma engrenagem da economia. Para Malu Andrade, a incompreensão surge da falta de visão do poder público.

Sem ser promovida como um negócio, a Cultura tem sido prato cheio para quem quer atacar a classe artística e os poucos mecanismos de investimentos existentes, como é o caso da Lei Rouanet: "é preciso dizer não somente o que estamos fazendo, mas como e porquê, pois ninguém está tirando dinheiro de hospital e da educação", diz a especialista.

Até março deste ano, Malu esteve na Spcine. Entre as suas tarefas, estava a de desenvolver políticas afirmativas para o setor. Com a chegada da pandemia, a equipe da empresa de cinema do município de São Paulo teve a missão de manter o setor em funcionamento: "nós não paramos, nenhum projeto acordado teve o orçamento congelado, e não precisamos descumprir acordos".

Mesmo com o cenário desfavorável, Malu acredita que a Spcine se encontra fortalecida, pois "se colocou para o diálogo", fruto de um esforço político do órgão. Talvez, esses sejam os elementos que estejam faltando para que o setor e os órgãos responsáveis possam colocar fim nesta crise: esforço político e diálogo.



Malu Andrade, a fundadora do grupo Mulheres do Audiovisual Brasil; foto de apresentação do movimento no Instagram (Reprodução: @mulheres_av_brasil)

SÍMBOLO DA CRISE NO SETOR

Livia Fusco é pesquisadora e frequentadora da Cinemateca Brasileira desde 2004. Quatro anos mais tarde, começou a colaborar como freelancer e, desde 2013, era funcionária da instituição, podendo dizer que foi a última produtora de difusão da entidade, sendo responsável pelo setor de difusão, ou seja, buscava parcerias com distribuidoras, para publicizar a Cinemateca Brasileira. Ela também era responsável pelos eventos produzidos pela organização. Entretanto, em junho do ano passado, deixou a instituição responsável pela preservação de toda produção audiovisual do Brasil, assim como dezenas de outros trabalhadores.

De acordo com Fusco, a primeira crise da organização foi em 2013, quando vieram à tona desvios de verbas da instituição. Na época, o diretor que comandava a Cinemateca foi exonerado do cargo, como resultado direto dos desvios veio também o início das demissões. Para ela, a partir daquele ano: "foi um eterno tapa-buraco". As admissões e renovações de

contratos eram para períodos curtos e sob o regime de pessoa jurídica. Para piorar, a situação financeira começava a se agravar, pois os repasses de recursos federais eram sempre os mesmos, mas os gastos da instituição aumentavam.

Em 2016, um incêndio atingiu o acervo da Cinemateca. Além de expor os problemas financeiros, o incidente mostrou as dificuldades para cuidar das obras: "o custo para manter um filme por ano é de 2.000 reais". Livia relata que, na ocasião, 170 obras foram perdidas, e nem todas tinham cópias.

Dois anos após o incidente, a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (Acerp) fechou acordo com o Ministério da Cultura para gerir a Cinemateca, para Livia havia naquele instante um sopro de esperança para a instituição: "se abriu a possibilidade de comercializar a Cinemateca". Até então, tudo o que era feito dentro da Cinemateca Brasileira era de graça, nada podia ser comercializado. Mas a Organização Social (OS) que passou a gerenciar o espaço, abria a Cinemateca para todo tipo de evento comercial, a pes-



Na imagem uma luz brilha no céu atrás da Cinemateca, que seja de esperança (Foto: Andréa Thomé)

quisadora conta que chegou a produzir até o Festival do Vinho: “aquelas salas são tombadas pelo patrimônio histórico, não deveria se beber e comer nada lá dentro”.

Em 2020, as dificuldades financeiras se agravaram, o último repasse feito pelo Governo Federal à Roquette Pinto havia sido em agosto de 2019. Em junho de 2020, Livia e dezenas de trabalhadores foram demitidos sem receber salários atrasados e, no mês seguinte, assistiram perplexos à Polícia Federal (PF) fazer uma operação e tomar as chaves da OS, fechando assim as portas do símbolo da crise do audiovisual brasileiro.

FUTURO DA CINEMATECA

A pesquisadora acredita que alguns profissionais deverão ser recontratados, mas que não vê a Cinemateca abrindo, pelo menos não durante a presidência de Jair Bolsonaro. Ela classifica a perda física da instituição como “incalculável” e cita, por exemplo, a degradação da tela externa, utilizada para projeções ao ar livre.

Atualmente, o quadro de funcionários da Cinemateca resume-se em: bombeiros, seguranças e profissionais da limpeza, contratados pelo Ministério do Turismo, que tomou as chaves da instituição durante a operação da PF em julho passado. A pesquisadora acredita que da forma como está, existe o risco de que um novo incêndio atinja o acervo da instituição: “o nitrato de celulose é uma bomba relógio, a temperatura não pode subir, nem descer”.

Quem compartilha da mesma preocupação de Livia, é a diretora cultural da Associação de Moradores da Vila Mariana (AVM), Eliana Barcelos. A AVM atua desde abril de 2020 na defesa da Cinemateca. A associação se juntou a outros movimentos, o que resultou no grupo “Cinemateca Viva”. Em julho de 2020, o grupo expressou ao procurador Gustavo Torres Soares a preocupação com o acervo e as possíveis consequên-

SE NÃO “ESCOVADA” A TELA EXTERNA DA CINEMATECA IRÁ SE JUNTAR A OUTROS ITENS QUE JÁ SE DETERIORARAM NESTE PERÍODO DE INATIVIDADE DA INSTITUIÇÃO.

cias que um incêndio traria. De acordo com Eliana, os gases desses filmes são extremamente tóxicos, o que traria danos não só ao próprio acervo mas também para o bairro.

A AVM, então juntamente à Associação Paulista de Cineastas (APACI) moveu uma ação civil pública, que culminou em uma audiência conciliatória com representantes do Governo Federal, em 12/05/2021. Na decisão, o juiz Marco Aurélio de Mello Castrianni, da 1ª Vara Cível Federal de São Paulo, determinou que o Governo prove dentro de 45 dias que não abandonou a Cinemateca, para isso deverá: regularizar o Auto de Vistoria do Corpo de Bombeiros (AVCN); restaurar o Conselho Técnico e Deliberativo da Cinemateca e apresentar um cronograma para recontrações do corpo de funcionários. Para Eliana, um dos pontos cruciais é a recomposição de mão de obra, pois: “a Cinemateca é como um museu que produz, que restaura, que fornece informações para nível internacional”.

Procurado pela reportagem, Hélio Ferraz de Oliveira, diretor do Departamento de Políticas Audiovisuais, que representou o Governo na audiência, prometeu responder por e-mail como o Governo Federal pretende cumprir a decisão da Justiça, mas até o fim do fechamento desta edição, o diretor não enviou a sua resposta. Enquanto o imbróglio persiste, ninguém sabe ao certo qual será o futuro da instituição. Para Livia e Eliana, a reabertura ou uma possível volta dependerá da OS que assumir a gestão no futuro, esta deverá estar alinhada aos valores e as reais finalidades da Cinemateca Brasileira.



“É MUITO DIFÍCIL, SENDO ESTUDANTE, CONSEGUIR TRABALHO BATENDO NA PORTA DE UMA PRODUTORA”

ESTUDANTE DE CINEMA FALA SOBRE TRAJETÓRIA NA CARREIRA E OS DESAFIOS DE QUEM ESTÁ COMEÇANDO NA ÁREA

Realizada por: Gustavo Fritz e Marcos Sibinel
Entrevistada: Luana Caixeiro Lima

Uma das maiores preocupações de quem está entrando na faculdade é o mercado de trabalho do segmento escolhido. Na área de Cinema e Audiovisual, não é diferente – as dúvidas batem ainda mais forte diante dos impactos da pandemia e crescente desinvestimento público no setor, que foi um dos mais afetados pela pandemia de Covid-19 no ano de 2020.

Segundo a Associação Brasileira dos Promotores de Eventos, mais da metade da programação do ano de 2020 foi cancelada, com perdas estimadas em R\$ 90 bilhões. Além disso, estima-se que, só em São Paulo, quase 1,5 milhão de pessoas vivem da cultura. Para tentar diminuir as perdas, os trabalhadores de arte e cultura foram incluídos entre as categorias que receberam auxílio-emergencial. Para o professor de Economia da UFRGS Leandro Valiati, em entrevista para o site Rede Brasil Atual, o setor da cultura será protagonista na retomada da economia, mas é necessário reforçar os investimentos públicos que financiam as atividades culturais.

Para compreender as angústias e perspectivas do universitário sobre o tema, a 7ªrte conversou com Luana Caixeiro Lima, estudante do 7º semestre da graduação em Cinema e Audiovisual

da Universidade Anhembi Morumbi. Atualmente, ela trabalha com fotografia, área em que pretende seguir carreira, embora tenha trabalhado muito ao longo da faculdade com curta-metragens.

Durante a entrevista, a jovem de 21 anos refletiu sobre os motivos que a levaram a escolher a área e sua experiência nos trabalhos que já realizou. Luana também falou sobre a entrada no mercado de trabalho e alguns desafios para quem está começando.

7ªrte - Você sempre desejou estudar Cinema?

Luana Caixeiro - Eu já pensei em fazer milhares de coisas, mas sempre gostei muito da linguagem que a internet tem. Nós só temos vídeos no YouTube e lives no Instagram porque um dia alguém lá atrás resolveu colocar várias fotos em movimento, resultando em um filme – os famosos 24 quadros por segundo. E isso tudo mexeu muito com a minha cabeça, pois, querendo ou não, o cinema é a origem de todo o conteúdo audiovisual que temos hoje e, como eu queria muito trabalhar com internet, eu achei que seria muito interessante estudar a origem de tudo isso.

7ªrte - Quando você decidiu fazer Cinema?

L.C. - Foi no início do 2º ano do Ensino Médio que eu decidi fazer cinema.

7ªrte - Você pretende trabalhar em qual ramo do Cinema?

L.C. - Eu gosto muito de estudar as teorias do cinema, mas eu sinto que gosto muito mais da fotografia parada. Hoje em dia, faço fotografia de retratos, mas não descarto nada do que vivi e aprendi na faculdade. Foi a faculdade de cinema que me apresentou a fotografia, e aí pude me destrinchar sozinha.

7ªrte - Você chegou a procurar emprego dentro da área do Cinema?

L.C. - Sim, e foi bem complicado, pois é muito difícil conseguir algo simplesmente batendo na porta de uma produtora, dizendo ser estudante e que precisa de um trabalho. A melhor maneira de começar a trabalhar com Cinema é sendo freelancer, se lançar no mercado e dizer que trabalha com som ou que é diretor, roteirista. Por isso, há muitos profissionais que nem mesmo fizeram faculdade de Cinema, mas sim, um curso técnico, e que estão trabalhando por aí. E se você tiver um bom networking e conhecer bastante gente fica ainda mais fácil se desenvolver dentro do mercado audiovisual de fato. Da mesma forma, há pessoas que fizeram cinema, mas hoje em dia trabalham com YouTube em projetos próprios.

7ªrte - E você usou essa facilidade do freelancer para se jogar no mercado?

L.C. - Sim, porque é mais difícil existir um cineasta com CLT. Você pode até se perguntar se existe a possibilidade de trabalhar na TV, como no SBT e na Globo, mas essas emissoras priorizam quem faz faculdade de Rádio e TV. Embora elas não descartem os cineastas, existe essa tendência para quem faz RTV.

7ªrte - E você, já teve vontade de trabalhar na TV?

L.C. - Não vou mentir que não, pois sempre tive muita curiosidade. Já tentei algumas vezes o processo seletivo da Globo, mas nunca obtive sucesso.

7ªrte - Então, até hoje, todos os seus trabalhos foram com fotografia?

L.C. - Remuneradamente sim, mas já fiz alguns curtas também, sempre para a faculdade.

7ªrte - E todos seus trabalhos foram como freelancer?

L.C. - Sim, conheço pessoas dentro de algumas empresas que puderam me indicar para alguns projetos.

7ªrte - E quantos curtas você já fez?

L.C. - Foram seis.

7ªrte - O quanto representam esses trabalhos acadêmicos para os estudantes?

L.C. - Bem pouco, pelo menos dentro da Anhembi. Agora, se você for na FAAP, lá os estudantes produzem praticamente um curta por semestre, talvez até mais. Metade dos trabalhos que fiz foi pegando por fora do que a faculdade oferecia.

7ªrte - Geralmente, em quanto tempo esses curtas ficam prontos? Qual é o processo para a produção deles?

L.C. - Depende do projeto, mas eu diria em torno de seis meses. O processo é basicamente em três etapas.

A pré-produção começa nas ideias, depois tem a roteirização e, a partir disso, tem a seleção da equipe. Depois da equipe, nós precisamos pensar na documentação do filme, as justificativas e os argumentos necessários para que ele aconteça. Posteriormente, há a definição do cronograma de filmagem, onde estabelecemos as datas e os

os períodos em que deve acontecer cada coisa, ou seja, tanto o período da pré-produção, quanto a produção em si, e depois a pós. Daí começamos a “arrumar” o filme, onde definimos locução, paleta de cores, fotografia, equipamentos a serem usados, objetos e, por fim, o casting para os atores.

A produção é o processo mais rápido, é quando começamos a filmagem, com tudo já definido. Então, é só gravar, literalmente.

Já a pós-produção é, basicamente, a montagem do filme, a aplicação de efeitos especiais, colorização, trilha e efeitos sonoros etc. E aí, quando o filme está finalmente pronto, ele é enviado para os cinemas, festivais ou qualquer outro local.

7ªrte - E você ficava em qual das partes? Qual era a sua função?

L.C. - Eu já passei por muitas áreas, mas a que eu mais gostei foi a Direção de Fotografia.

7ªrte - Você cuidava do quê?

L.C. - Cuidava de planos, enquadramentos, iluminação, equipamentos que seriam utilizados, entre outros. Isso tudo é decidido em conjunto com outras pessoas da equipe. Um diretor conhece sobre fotografia e quer passar uma determinada sensação para uma cena, para um personagem. No curta que estamos planejando para o TCC, por exemplo, nós temos um personagem que é um stalker e, por ter esse distúrbio de perseguição, ele acaba sendo muito tímido. Como diretora de fotografia, em conjunto com a direção do filme, decidimos que, quando ele estiver sozinho na tela, serão planos mais fechados, para representar que ele está preso dentro dos próprios pensamentos.

Também cuidamos da iluminação, que envolve bastante a colorização do filme. No filme Drive, de Ryan Gosling, por exemplo, há uma iluminação vermelha e azul bem destacada ao longo da produção, e isso se trata de uma influência da direção de fotografia, embora haja também

uma relação com a direção de arte. Isso tudo precisa ser bastante conversado e decidido entre cada diretor, pois são questões técnicas que vão permitir que o filme seja harmônico entre todas as partes (iluminação, arte).

7ªrte - Quais dicas você daria para quem está entrando agora nesta área?

L.C. - Acredito que o networking é a melhor forma de se integrar, conhecer bastante gente que já está no meio, ir em eventos – tipo a Semana ABC – e fazer contatos por lá. Além disso, formar um amplo portfólio para a área que você pretende seguir é bem interessante também.



NOMADLAND

O REFLEXO DA INCANSÁVEL MÁQUINA CAPITALISTA

por Tales Pavanato



Conversa durante o nascer do sol (Reprodução: Google)



Fer contempla as montanhas (Reprodução: Google)



O sol se põe no acampamento Nômade (Reprodução: Google)

Dirigido pela chinesa Chloé Zhao, o longa ganhou destaque como um dos favoritos no Oscar 2021, levando para casa o prêmio principal da noite como melhor filme, e também melhor direção e melhor atriz, contando com uma performance tocante de Frances McDormand. Nomadland aborda diversos temas, como a selvageria do capitalismo moderno, com um olhar que reflete sobre a valorização dessas histórias que se perdem, nessa grande máquina de triturar vidas e sonhos.

Ainda que apresente uma filmografia curta, é notável o trabalho de Chloé Zhao, que está entre os nomes de maior ascensão em Hollywood, tendo sido reconhecida por seu trabalho mais recente, Nomadland, que recebeu também dois prêmios na última edição do Globo de Ouro: Melhor Filme de Drama e Melhor direção.

No filme, acompanhamos a trajetória de Fern (Frances McDormand), uma viúva que, após ver a fábrica na qual trabalhava fechar devido a crise econômica de 2008, encontra-se sem renda fixa e perde sua moradia. A mulher, então, é obrigada a viver em um trailer adaptado, optando por uma vida como nômade e buscando oportunidades de emprego temporário em lugares diferentes.

DA diretora Chloé Zhao baseou-se no livro *Nomadland: Surviving America in the Twenty-First Century*, da jornalista estadunidense Jessica Bruder. A obra dialoga com as consequências da crise econômica de 2008, que levou à falência e obrigou pessoas mais velhas a adotarem um estilo de vida nômade.

No longa, Frances McDormand e David Strathairn são praticamente os únicos atores profissionais, em um elenco majoritariamente composto por nômades da vida real. Dentre eles, alguns valem o destaque, como Linda May, Charlene Swankie e Bob Wells, os três nômades protagonistas do livro, que nos cinemas interpretam a si mesmos.

Ao optar por frequentemente filmar as paisagens pelas quais a personagem passa, em planos abertos acompanhados por momentos de silêncio, Zhao emprega um tom quase documental, que brilha nesses momentos pela beleza de sua fotografia, oferecendo uma viagem pelo Oeste estadunidense, variando entre ambientes montanhosos, picos nevados, e imagens limpas de um pôr do sol pelas estradas.

SEM CASA; NÃO SEM TETO.

Em dado momento do filme, Fern é questionada sobre ser uma “sem teto”. Ela responde que é “sem casa, mas não quer dizer que não tenha um teto”, de forma que “homeless” acaba carregando um tom pejorativo, dando a entender que aquela pessoa não possui condições de manter um local para dormir de forma segura.

Assim, McDormand carrega muita ternura em seus momentos de solitude, como se fugisse de algo, ao mesmo tempo que contempla aquele estilo de vida num misto de sentimentos que nos leva a entender que Fern adotou o nomadismo e não pretende voltar ao que muitos consideram como um estilo de vida “normal”.

O longa também dialoga com a dificuldade enfrentada pelos trabalhadores em situações de subemprego, escancarando a forma como essa mão de obra desesperada é facilmente afetada com cargas de horário abusivas e situações de trabalho precárias.



O filme retrata a tristeza da vida no subúrbio americano (Reprodução: Google)

Dessa forma, com pouca segurança ou valorização, o trabalhador se torna apenas mais uma engrenagem facilmente substituível em uma grande máquina faminta por vidas fragilizadas.

Nomadland consegue tratar dessas questões tão importantes e delicadas de maneira muito sensível, de maneira que, mesmo para aqueles que não estão acostumados com um ritmo de narrativa mais lento, a experiência e jornada de Fern seja algo marcante e que pode ser levada para toda a vida.



Aquecimento para um dia de trabalho no galpão da Amazon (Reprodução: Google)



O trailer de Fern a leva pela costa oeste (Reprodução: Google)

Fichas técnicas

Filme-

Lançamento: 15/04/2021 [no Brasil]

Diretor: Chloé Zhao

Produção: Frances McDormand, Peter Spears, Mollye Asher, Dan Janvey, Chloé Zhao

Classificação indicativa: 14 anos

Livro-

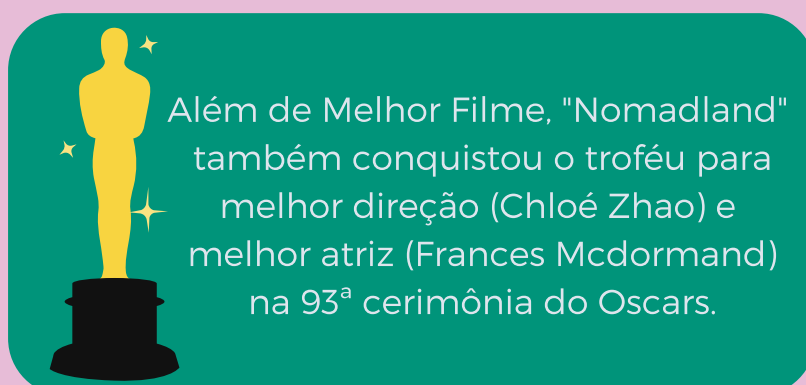
Título: Nomadland: Sobrevivendo aos Estados Unidos no século XXI

Autora: Jessica Bruder

Editores: Rocco (tradução em português)

Lançamento: 2017

Páginas: 304



UMA LINHA TÊNUE ENTRE CLICHÊ E EMOCIONANTE

SOB OS OLHOS DE GEORGE CLOONEY, A ADAPTAÇÃO DO LIVRO "O CÉU DA MEIA NOITE" PARA FILME

Ao final, o cientista Augustine Lofthouse se vê sozinho ao fim do mundo (Reprodução: Netflix)

por Juliana Queiroz & Valentina Favaron

Dirigido e estrelado por George Clooney, O Céu da Meia-Noite é uma adaptação do livro "Good Morning, Midnight", escrito por Lily Brooks-Dalton. A filmagem ocorreu em dois períodos: as cenas na Terra foram gravadas na Islândia, em 2019, e as cenas no espaço foram gravadas em estúdio, em março de 2020. Por sorte, a produção encerrou-se pouco antes do início do isolamento social e o filme estreou em dezembro de 2020.

A lentidão narrativa se faz presente, tanto no livro como no filme. Não apenas pelas passagens alinhadas à descrição, mas também apresentando uma série de arrependimentos que são marcados pelo fim da vida como os personagens conhecem.

“POLARIS. ESTÁ VENDO? É A ESTRELA MAIS IMPORTANTE DO CÉU.”

O início nos apresenta os dias de um cientista doente e solitário, abandonado no ártico enquanto o resto da população se refugia em locais subterrâneos. Durante todo o desenvolvimento sabemos que houve uma catástrofe que tornou a terra inabitável, mas não é revelado o quê. Sabemos também que Augustine (George Clooney) está com algum problema no fígado, o que o leva a fazer diversas hemodiálises. Apesar da doença não ser explorada ao longo da trama e aparecer apenas no filme mas não no livro, ela embasa as alucinações do personagem, que começa a enxergar e interagir com uma garotinha que acredita ter sido abandonada.

A garota se torna um impulso de sobrevivência do cientista, que estava claramente atormentado por ter dedicado sua vida inteira para pesquisas astronômicas, priorizando tudo que envolvesse seu trabalho. Quando a garota “aparece”, ele passa a se esforçar para manter-se vivo, cuidar dela e entrar em contato com a nave espacial Aether, que está retornando à Terra sem ciência da catástrofe global.



Lofthouse e Iris se protegem em meio à nevasca
(reprodução: Netflix)

Sob outra perspectiva, temos os relatos dos pesquisadores da espaçonave que, depois de uma missão em Júpiter, estão voltando para casa. Porém, as comunicações com a base que os aguardavam cessam e qualquer contato com a Terra é perdido. Dando destaque para a pesquisadora Iris Sullivan (Felicity Jones), sua história por trás da mulher que se tornou e o impacto dela na vida de Augustine faz a história pesar ainda mais. Entre especulações e sugestões do que poderia ter acontecido, os personagens encaram seus medos, angústias e saudades, que são amplamente abordadas no livro e na obra audiovisual.

"O TRABALHO ENVOLVE CERTO PERIGO, E LEVAMOS ISSO EM CONTA"

Seguindo os clichês que todas obras sobre fim do mundo carregam, Lily Brooks consegue escrever uma história que encontra essas obviedades, mas escritas de uma forma que não incomoda. Usando metáforas e comparações a autora explora os sentimentos mais comuns, como o amor, fazendo referências ao que entende-se pelo contexto de um livro de ficção científica.

No filme, é possível relevar o clichê pela excelente técnica de filmagem e efeitos especiais. A fotografia do filme é estável, alinhada e, em geral, bela, tornando esteticamente agradável assistir, como se todas as cenas fossem muito pensadas para serem harmoniosas. A obra perde no sentido de parecer tentar se conectar com diferentes faixas etárias, mas acaba se sustentando pela mensagem de reflexão final. Diferente do livro, em que o apego com os personagens é quase instantâneo, na obra cinematográfica é mais difícil se conectar com o que cada personagem deixou no passado e os "flashbacks" durante a história não fazem jus com tudo que é relatado no livro.

Há adições e diferenças na narrativa cinematográfica que servem para trazer mais ação ao filme. Essa ideia fica clara quando, no livro, Augustine mata um urso polar, mas no longa o urso é substituído por um homem, que implora para que seu sofrimento acabe, se tornando uma passagem muito mais impactante. Além disso, o fato de que a personagem de Felicity Jones torna-se gestante (a atriz engravidou pouco antes das gravações) contribui para a reflexão sobre a importância da vida e da esperança.

"APRENDEU QUE O AMOR
FICAVA ESCONDIDO ATRÁS
DE UMA VÓRTICE
RODOPIANTE DE EMOÇÕES
DESAGRADÁVEIS, O CENTRO
INVISÍVEL E INACESSÍVEL
DE UM BURACO NEGRO. ERA
IRRACIONAL E
IMPREVISÍVEL"

"O CÉU DA MEIA-NOITE"
LIVRO DE LILY BROOKS-
DALTON

No filme, é possível relevar o clichê pela excelente técnica de filmagem e efeitos especiais. A fotografia do filme é estável, alinhada e, em geral, bela, tornando esteticamente agradável assistir, como se todas as cenas fossem muito pensadas para serem harmoniosas.

A obra perde no sentido de parecer tentar se conectar com diferentes faixas etárias, mas acaba se sustentando pela mensagem de reflexão final. Diferente do livro, em que o apego com os personagens é quase instantâneo, na obra cinematográfica é mais difícil se conectar com o que cada personagem deixou no passado e os **flashbacks** durante a história não fazem jus com tudo que é relatado no livro.

“ANDEI PENSANDO SOBRE O TEMPO E SOBRE COMO O USAMOS E POR QUÊ.”

Ao final - e apenas no filme -, Augustine tem uma conversa com a Dra. Iris Sullivan, em que se revela que a garotinha é, além de imaginária, a representação de sua filha com a qual não teve contato: a própria Dra. Iris. Nesse momento, há uma certa epifania na qual o filme se conclui. Uma vez que Augie se vê sozinho enquanto a Terra desmorona, mas sua própria filha gera uma vida e segue em direção a um planeta novo, que pode salvar a humanidade.



George Clooney e suas co-estrelas, Felicity Jones e Maya Peters, dirigindo a cena do ultrassom na espaçonave "Aether" (Reprodução: Netflix)

A relação de ódio e admiração por Augie, assim como a empatia, apesar da frieza com Sully são sentimentos que se intercalam de maneira fácil durante a leitura, mas o Clooney não consegue passar para a tela essas dualidades. Mesmo assim, ambas narrativas carregam uma beleza desastrosa que mantém a possibilidade contínua de se imaginar no contexto apresentado e quais seriam os nossos próprios arrependimentos se a vida tivesse uma data invisível e extremamente próxima para chegar ao fim.

O encontro com os personagens de Lily Brooks-Dalton junto à direção de George Clooney formam, acima de tudo, uma obra emocionante. Apesar de não ser excepcional ou inédita, vale a pena assistir.

“O CÉU DA MEIA-NOITE É
UM FILME SOBRE
ARREPENDIMENTO,
REDENÇÃO E ESPERANÇA”

GEORGE CLOONEY

Filme

Lançamento: 23/12/2020

Diretor: George Clooney

Produção: George Clooney, Grant Heslov, Cliff Roberts, Bard Dorros, Keith Redmon

Indicações: Critics' Choice Award, BAFTA e Oscar de Melhores Efeitos Visuais [+]

Fichas técnicas

Livro

Título: O céu da meia-noite

Autora: Lily Brooks-Dalton

Editora: Morro Branco (tradução em português)

Lançamento: 2016

Páginas: 288

INDÚSTRIA ÁUDIO VISUAL

A realidade dos profissionais de som em meio ao pandemônio nacional

por Lucas Almeida & Renan Honorato

Um filme estrelado por Jamie Foxx e Robert Downey Jr em 2009 foi um dos favoritos para o Oscar daquele ano. O Solista conta a história de como um jornalista do Los Angeles Times, em meio às tentativas de achar aquelas histórias que precisam ser contadas, se depara com uma das 150 mil pessoas em situação de rua da Califórnia tocando maravilhosamente um violino de apenas duas cordas.

No mesmo ano, o hospital em que Valdir Júnior, 50, trabalhava fechou suas portas no ABC paulista. Valdir havia se formado há algum tempo em psicologia, mas nunca tinha exercido a profissão; no hospital, tinha um papel de chefia na área administrativa, com um salário alto e estabilidade garantida – ou quase. "Quando o hospital faliu e fiquei sem emprego, me vi em uma situação difícil", diz ele.

Devido a idade que tinha na época, "chegando aos quarenta", Valdir resolveu voltar para os sonhos de infância. Durante muito tempo, foi guitarrista e, quando necessário, vocalista de algumas bandas de São Bernardo do Campo, que, segundo ele mesmo conta, não tiveram muito sucesso. Ainda na adolescência, Valdir gravava suas músicas naqueles gravadores de fita cassete. "Além de tocar e compor, sempre tive interesse pelo processo de gravação e produção", e ainda acrescenta que na mesma época, procurava saber sobre técnicas de gravação.

São nos grandes momentos de crise que as pessoas tomam as decisões que mudam suas vidas. Não querendo mais atuar nessa área, Valdir resolveu se atirar de corpo e alma naquilo que mais amava: a música. Em 2012, com a ajuda de um amigo, Valdir montou um pequeno estúdio de gravação, Estúdio Musicale, focado

apenas em gravar, mixar e fazer arranjos para artistas da região. Contudo, em 2014, ao começar a almejar novos projetos, ele entrou no Centro de Audiovisual (C.A.V) de São Bernardo do Campo. "Fui cursar minha segunda paixão, Cinema", diz o ex-psicólogo.

Amplitude

Apesar das peculiaridades da história de Valdir, esse fenômeno do empreendimento individual e da criação de pequenos estúdios regionais é muito comum. "No Brasil, não temos muitos estúdios com o aporte financeiro para manter grandes equipes", diz Eric Ribeiro Christani, bacharel em Imagem e Som e professor de Som pela Universidade Federal de São Carlos.

A divisão de trabalho do setor é um sistema complexo entre pequenos grupos especializados. Não há apenas vários profissionais de áreas diferentes, como maquiadores, figurinistas e o pessoal de filmagem, mas há uma diversidade única dentro do mesmo setor.

Por exemplo, na área de Som, temos os profissionais de produção, por exemplo, que trabalham com o "Som Direto", ou seja, são os técnicos de som que fazem a captura sonora bruta nos sets de filmagem. Além deles, temos os responsáveis pela pós-produção separados em departamentos de som, de dublagem, de efeitos sonoros, de música e de mixagem.

"O sistema de divisão do trabalho é baseado no modelo industrial norte-americano [Fordismo, onde a divisão de tarefas é a principal característica]", acrescenta Eric. Como o cenário

nacional é de constante desvalorização da indústria cultural, os profissionais autônomos construíram uma rede invisível de contatos. Ou seja, ao invés de um único conglomerado com todos esses departamentos, os pequenos estúdios especializaram seus trabalhos e construíram um relacionamento mutualista entre si. Para Daniel Favaretto, formado em Cinema em 2010, "ser autônomo tem sido a norma no mercado audiovisual, mas essa rotatividade gera alguma insegurança ao mesmo tempo que permite um sentimento de liberdade no profissional".

"IMAGEM E MOVIMENTO
SEM SOM NÃO
PERTECEM AO NOSSO
UNIVERSO"

ERIC CHRISTANI

Assim como Valdir, Eric Christani, 38, também tem seu próprio estúdio de imagem e som, a Cinemática Audiovisual. Localizado no bairro do Paraíso, na região central de São Paulo, o estúdio fica hospedado em um conjunto comercial de onze andares. Cada andar é separado por três "blocos" de janela emoldurados por um efeito arquitetônico que aparenta ser algum tipo de madeira. Em um desses blocos, Eric e seus sócios montaram uma sala acusticamente isolada de 20m² com portas e janelas blindadas, disposto com um sistema de som calibrado para ambientar uma sala de cinema. Em um dos lados da sala, há uma daquelas mesas enormes, cheias de botões, que mais parecem mesas de controle de naves espaciais. "Naquela sala temos 150 mil reais de investimento", comenta.

Por conta da pandemia do vírus Sars-Cov-2, o isolamento social tornou-se uma regra para a preservação da saúde de todos. Por conta desse distanciamento, muitas áreas tiveram que se adaptar para um sistema remoto de trabalho. Contrariando o senso comum, Eric aponta que a maioria dos profissionais de som não trabalham de casa. "Você não vai calibrar uma projeção de 4m de tela em um monitor de 12 polegadas" e ainda acrescenta, "projeções de cinema são pro-

jeções públicas, ou seja, precisam ser calibrados por um sistema que um fone de ouvido não consegue atingir".



"Naquela sala temos 150 mil reais de investimento", comenta Eric Christani
(Reprodução/Canva)

"O CINEMA INCORPOROU
O TEATRO E AS SALAS DE
CONCERTOS POR UMA
NECESSIDADE DE CRIAR
UM AMBIENTE PROPÍCIO
PARA A PROJEÇÃO"

ERIC CHRISTANI

Frequência

Em 2020, muitos projetos nacionais foram pausados. Segundo o estudo da Agência Nacional do Cinema (ANCINE), o valor adicionado pelo setor audiovisual à economia brasileira cresceu, em termos nominais, 192% entre 2007 e 2014; chegando a R\$24,5 bilhões em renda gerada apenas em 2016.

De 2017 a 2019, registrou um crescimento proporcional aos anos anteriores, o que nos leva a contabilizar o tamanho do prejuízo causado pela pandemia em 2020 e 2021. Para um dos sócios da Musicale em São Bernardo, "os clientes acabaram ficando sem renda ou tiveram que repensar seus gastos". Isso acabou prejudicando toda uma cadeia de operadores.

Segundo o Protocolo de Segurança e Saúde no Trabalho Audiovisual, um documento de orientação sobre as medidas de segurança nos sets e espaços de trabalho desenvolvido por sindicatos da área, estabelece diferentes modelos de trabalho para as diferentes fases de isolamento social. "Sets de filmagem, que antes tinham 100 pessoas, atualmente, quando autorizados, têm no máximo 20" diz Daniel Favaretto, diretor de "MEXA", um filme que surgiu da ideia de retratar a espontaneidade cotidiana de pessoas LGBTQI+ de uma abrigo de acolhimento em São Paulo.

Como foi noticiado, o primeiro trimestre de 2021 foi um período de recordes, tanto no número de mortes como no número de casos confirmados. Portanto, medidas mais restritivas foram necessárias para tentar conter o avanço do vírus. "O online veio para ficar." opina Favaretto, e ainda acrescenta sobre as vantagens do modelo remoto: "Atualmente, clientes acompanham as filmagens por videoconferência; as novidades vem para criar novos desafios, que geram novas ferramentas criativas para a produção audiovisual".

Por outro lado, há muitas coisas que podem se perder nesses meios digitais, pois há filmes que usam da aglomeração como meio narrativo. "Tem histórias que não têm como gravar remotamente. Há histórias sobre beijos, lutas e,

até mesmo, bares" pontua Eric Ribeiro Christani, professor de Som na UFSCAR. Além disso, ele aponta que há um problema tecnológico no Brasil mesmo antes da pandemia, não apenas de distribuição das tecnologias e dos produtos, mas os valores para se manter um equipamento remoto de qualidade é muito caro. "A maioria da produção nacional não consegue fazer isso", diz.

"Esse é um processo que ainda continua, e infelizmente não sabemos como vai ficar. A área do audiovisual era uma das que mais estava crescendo apesar da crise econômica, mas a pandemia conseguiu atrapalhar muito esse processo", comenta o ex-psicólogo do ABC.

Os custos de produção encarecem ainda mais por conta das rasas tentativas de contenção ao vírus e falta de planejamento de custo para auxiliar os profissionais de Cinema, Música e outras áreas artísticas. "Isso afeta demais toda a cadeia de produção de uma obra audiovisual, dificultando ainda mais a contratação de profissionais", desabafa o técnico de áudio e sound design, além de diretor e roteirista do curta "Infernal", Valdir Jr.

**PARA SABER UM POUCO MAIS SOBRE
A HISTÓRIA DO CINEMA SONORO,
APONTE A SUA CÂMERA PARA O QR
CODE**



SISTEMA DELAS

PROJETOS FEMININOS GANHAM VOZ NA CULTURA SOUNDSYSTEM



Integrantes do grupo Feminine Hi-Fi em frente a um sistema de som (Reprodução/**Procurar**)

por Alice Castelo & Mariana Souza

Caixas de som empilhadas, paredes grafitadas, balcões improvisados com toca discos, vinis, Dj's tocando e muita gente curtindo o som. Esse é o cenário típico de um SoundSystem - ou, simplesmente, sistema de som.

Conceito que teve início na década de 60 com inspiração na cultura jamaicana, o SoundSystem é um espaço organizado para as pessoas mostrarem seu talento por meio da música, de um manifesto ou uma ideia. Qualquer um pode colar: não é necessário ter status, muita grana para produzir um som e muito menos fama. É preciso, apenas, envolvimento com o coletivo, paixão pelo que se faz e mandar bem no freestyle. No SoundSystem, todos podem ter o prazer de mostrar a sua arte.

Apesar do conceito democrático de inclusão e possibilidade de divulgar trabalhos de artistas, o ambiente dos sistemas de som ainda é re-

presentado em grande parte pela figura masculina. Os homens predominam na maioria dos espaços, excluindo muitas vezes a voz de mulheres que têm muito talento e história para contar. A fim de reverter esse cenário, elas se unem através de projetos e coletivos que buscam tornar a figura feminina cada vez mais presente no SoundSystem.

A cantora Lei Di Dai e o projeto Feminine Hi-Fi são exemplos disso. O que une essas mulheres é a vontade de fazer o que amam, lutar pelo que acreditam e abrir caminho para que outras pessoas possam fazer o mesmo.

A Feminine Hi-Fi é o primeiro coletivo de SoundSystem no Brasil desenvolvido exclusivamente por mulheres. O projeto surgiu em 2016 com a ideia de fortalecer a presença e a importância da mulher nas festas de reggae e incentivar cada vez mais a produção cultural feminina. Atualmente, Andréa Soriano, mais

conhecida como Love, desenvolve o projeto com mais duas mulheres: Layla, cantora e compositora que está há mais de dez anos vivendo dessa cultura, e Dani Pimenta, colecionadora de discos de reggae, jornalista e criadora do portal Groovin Mood, que desenvolve textos e produções também voltadas para a cultura black music.

Para Love, a união do grupo Feminine Hi-Fi só foi possível graças ao reggae. "Foi o reggae que nos uniu, nos conhecemos nos bailes, nas sessões, nas festas e nos eventos de reggae. Então, a gente já se identificava, eu e a Dani já tínhamos uma relação de amizade e parceria. Com a Layla, nossa relação começou há cinco anos, quando decidimos formar a Feminine", afirma a artista, sobre sua relação com as companheiras de coletivo.

Foi durante uma dessas sessões e bailes que elas decidiram se juntar e fazer suas próprias festas. A primeira foi em comemoração ao dia das mulheres e contou com uma line up envolvendo mais de 21 artistas, entre colecionadoras, seletoras e cantoras. O evento atingiu mais de mil pessoas e, com a ajuda de

de divulgações e matérias sobre o sucesso do episódio, o projeto basicamente criou vida sozinho.

"Vimos a necessidade de continuar, as pessoas tinham essa necessidade de ver mulheres fazendo som, improvisando, protagonizando, fazendo freestyle, montando disco. Fazendo o que os homens fazem há muitos anos", relata Love sobre a proporção que o projeto alcançou.

SÍMBOLO DE UNIÃO

Para Love, a união do grupo Feminine Hi-Fi só foi possível graças ao reggae. "Foi o reggae que nos uniu, nos conhecemos nos bailes, nas sessões, nas festas e nos eventos de reggae. Então, a gente já se identificava, eu e a Dani já tínhamos uma relação de amizade e parceria. Com a Layla, nossa relação começou há cinco anos, quando decidimos formar a Feminine", afirma a artista, sobre sua relação com as companheiras de coletivo.

Foi durante uma dessas sessões e bailes que elas decidiram se juntar e fazer suas próprias



Integrantes da Feminine Hi-Fi em um ensaio fotográfico do grupo (Reprodução:)

próprias festas. A primeira foi em comemoração ao dia das mulheres e contou com uma line up envolvendo mais de 21 artistas, entre colecionadoras, seletoras e cantoras. O evento atingiu mais de mil pessoas e, com a ajuda de divulgações e matérias sobre o sucesso do episódio, o projeto basicamente criou vida sozinho.

"Vimos a necessidade de continuar, as pessoas tinham essa necessidade de ver mulheres fazendo som, improvisando, protagonizando, fazendo freestyle, montando disco. Fazendo o que os homens fazem há muitos anos", relata Love sobre a proporção que o projeto alcançou.

CULTURA FORA DA CAIXA

Muito além de festas, bailes e sessões, o SoundSystem se tornou um espaço para apoiar aquelas pessoas que procuram iniciar no mundo da música. Muitos artistas que já estão no meio realizam projetos que têm como intuito ajudar e abrir as portas para a galera que quer conhecer melhor o reggae e ensinam a alcançar independência financeira através da própria arte.

Essas mulheres também se engajam e procuram ajudar artistas a ingressarem no ramo musical. O Feminine Hi-Fi Lab, por exemplo, é uma das extensões dos projetos que Love desenvolve dentro do SoundSystem com suas amigas. Nele, as integrantes se dedicam a fazer workshops e preparações para as mulheres que querem entrar no mundo da música. De ensinar a cantar a fazer releases, as meninas dão uma força e passam o conhecimento que adquiriram durante a carreira.

"Cada vez mais, temos visto line ups com mulheres, infelizmente ainda não é equiparado ou superior [ao que se vê com os homens. Mas a gente tem percebido que tem crescido, nos line ups de festivais, ou dos bailes, ou das festas, hoje em dia das lives", comenta Love sobre o crescimento das mulheres no SoundSystem.

Já a rainha do SoundSystem, Lei Di Dai, está no comando de um projeto ao lado do seu amigo de vida, Dj Vinnieman, desde 2012. O intuito do "Gueto Pro Gueto - Sistema de Som" é proporcionar entretenimento para as comunidades.

Além da música e das caixas de som, eles levam dança, grafite, oficinas e outras ideias que envolvem o projeto. Assim como Lei Di Dai teve sua oportunidade em um SoundSystem, ela também quer dar esperança para aqueles artistas das periferias continuarem a acreditar que dá para se viver da arte.



Cantora Lei Di Dai cantando durante algum de seus shows (Reprodução)

AS PESSOAS TINHAM ESSA NECESSIDADE DE VER MULHERES FAZENDO SOM, IMPROVISANDO, PROTAGONIZANDO

A jornalista Karol Pinheiro, repórter da Emerge Mag, portal de jornalismo cultural independente, afirma que esses projetos periféricos relacionados à cultura tem como intuito a construção de uma rede de apoio entre os moradores das periferias - proposta mais do que necessária, já que os incentivos culturais não chegam a esses espaços da mesma maneira que alcançam os centros das cidades.

"Os coletivos que vêm pro centro, eles estão procurando se firmar nesse mercado de trabalho cultural. Nas periferias, quando as pessoas ocupam esses lugares de cultura, eu vejo como um local de rede de apoio, sabe? Essas pessoas dependem do contato umas com as outras para sobreviver", afirma Karol.

Por mais que a cultura ainda seja entendida de forma restrita por diversas pessoas, é ela que proporciona transformações pessoais e profissionais em vários artistas e coletivos que depositam seus sonhos e suas dores em projetos e manifestações culturais.

"Disseram para a gente que cultura é um tipo de teatro, música, um tipo de performance ou qualquer outra coisa. Então, a gente enquadrou a cultura em caixinhas, mas ela não é só isso. Cultura é aquilo que um povo consegue produzir através da sua subjetividade", complementa a jornalista.

O SoundSystem, entre outras manifestações culturais existentes nas periferias, representa a necessidade de apoio citada pela jornalista. A subjetividade dos sistemas de som está na necessidade de democratizar espaços culturais permitindo que todos possam se manifestar independentemente de classe social, gênero, sonhos e propósitos.

SOM DEMOCRATIZADO

A presença de informação e manifestações sobre assuntos de interesse social está ganhando muita força nas músicas. As meninas do Feminine Hi-Fi utilizam o espaço que construíram ao longo de sua trajetória para falar de temas polêmicos e que estão muito presentes na sociedade. Um exemplo disso é a livre discussão que elas fazem sobre a ganja, também conhecida como chá, marijuana, entre vários outros apelidos para se referir à maconha. A música "Femina Ganja", lançada em 2019 pela Feminine Hi-Fi em parceria com Lei Di Dai, é um protesto que utiliza o alcance que a música tem para falar dos vários benefícios que a planta traz para as pessoas.

O som é também uma forma de dar voz para as mulheres canabistas passarem sua visão sobre a maconha afastando todo tabu e medo que ainda existem em torno da erva. A proposta da música é exatamente esta: trazer mulheres que fumam e estão envolvidas na cultura SoundSystem, para se aprofundarem em uma pauta ainda pouco explorada entre as mulheres brasileiras, mesmo sendo um assunto extremamente recorrente durante as sessões, festas e bailes.

"A gente toca muito na rua, a gente quer democratizar a música. Quer democratizar o entretenimento, a gente quer democratizar a informação, porque a música também é informação", afirma Love.



Cantora Lei Di Dai (Reprodução)

A POTÊNCIA FEMININA

“Mulheres fortes”. Essas são as palavras utilizadas por Love para descrever quem chegou antes do projeto Feminine Hi-Fi ser criado.

Mulheres que foram fontes de inspiração para muitas no meio da cultura do reggae no Brasil. Sister Carol, Laylah Arruda, Mis Ivy, Shirley C. Verde e Lei Di Dai são o verdadeiro significado de mulheres fortes - e não é de se espantar. Foram elas que abriram esse espaço para que mais mulheres, como as meninas do Feminine Hi-fi, tivessem sua chance de conquistar seu espaço no SoundSystem do Brasil.

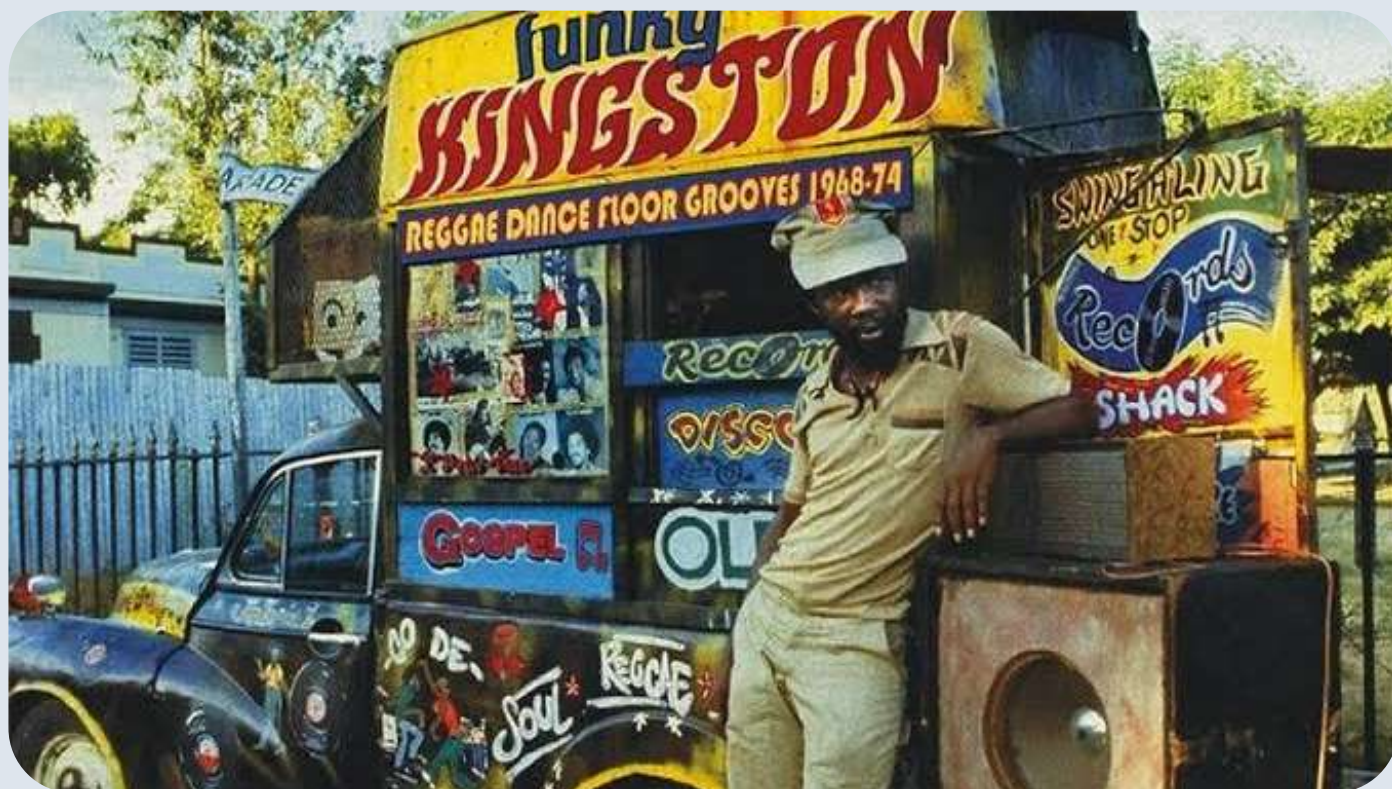
Juntas, utilizam a própria história, os sonhos que já realizaram e os que ainda estão por vir para incentivar outras mulheres a buscar a realização dos próprios sonhos, a união com o coletivo feminino e, claro, levar o SoundSystem para novos espaços.

RAÍZES DO SOUNDSYSTEM

Os Estados Unidos foram o local onde o Hip-Hop se desenvolveu, mas o início dessa cultura urbana se deu na Jamaica. Além de influenciar o surgimento do Hip-Hop, o fato de a Jamaica ser uma ilha próxima ao Caribe e Estados Unidos acabou influenciando também a formação de outras novas músicas e culturas através da mistura sonora entre os estilos tocados em cada lugar.

O SoundSystem é um exemplo dessas novas manifestações culturais. O estilo surgiu na década de 60 devido à necessidade dos artistas jamaicanos da cidade de Kingston mostrarem seu trabalho e conseguirem fazer música sem precisar investir grandes quantias de dinheiro.

A série “Hip-Hop evolution” (2016-2020), disponível na Netflix, conta ao longo de quatro temporadas a trajetória do Hip-Hop. O primeiro episódio mostra a importância de



Início dos bailes de SoundSystem em Kingston, Jamaica (Reprodução)

de Kool Herc para o Hip-Hop. Ele foi uma das primeiras pessoas a desenvolver o estilo quando deu uma festa em seu apartamento e fez um som muito diferente do que já existia e marcou o início de uma nova era da cultura dos moradores do Bronx, em Nova York.

O artista é conhecido pela sua representatividade nos Estados Unidos, mas sua bagagem para criar um novo estilo se formou nas festas de SoundSystem na Jamaica, país onde nasceu e viveu até os doze anos. Os discos do pai e os sistemas de som foram as bases para Kool Herc criar e influenciar a cultura Hip-Hop que existe hoje.



Ilustração do artista Kool Herc utilizada nas artes visuais da série (Reprodução/Netflix)



*Álbum
Kool Herc: Last Of The
Classic Beats
Gravadora: Live From the
Streets*

O que ouvir?

Rude Girl — Lei Di Dai

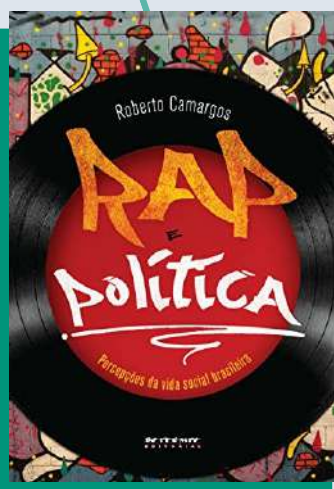
Catch A Fire — Lei Di Dai

Tudo de Bom — Lei Di Dai

Loba Leoa — Laylah Arruda (Feminine Hi-Fi)

Femina Ganja — Digitaldubs ft. Sister Carol, Laylah Arruda,
Shirley C. Verde, Miss Ivy, Lei Di Dai

Heartbeat — Laylah Arruda ft. Regiane Cordeiro



Livro
**Rap e Política: Percepções
da Vida Social Brasileira.**
Autor: Roberto Camargos
Editora: Boitempo



PARA OUVIR O PODCAST SOBRE
SOUNDSYSTEM, APONTE A CÂMERA
PARA O QR CODE



CIDADE DE DEUS: ATÉ ONDE A TRAMA RETRATA A REALIDADE DAS COMUNIDADES?

Lançado em 2002, com direção de Fernando Meirelles e Kátia Lund, Cidade de Deus é um filme que mostra a fictícia história de Buscapé, personagem interpretado por Alexandre Rodrigues

por Gustavo Fritz

Jovem pobre e negro, que demonstra bastante sensibilidade e insegurança, Buscapé vive na favela carioca que carrega o mesmo nome do filme – sendo conhecida como um dos locais mais violentos da cidade do Rio de Janeiro.

No enredo, o protagonista vive amedrontado com a possibilidade de se tornar bandido, tendo em vista a realidade que muitos jovens acabam enfrentando nas comunidades de todo o país. Sendo assim, Buscapé procura outros meios de construir seu futuro e seguir sua vida, de modo que não precise se envolver com o crime, o que o faz apostar em seu talento pessoal como fotógrafo.

Fazendo uso de elementos que se relacionam com um tema bastante contemporâneo, como as cenas de violência que parecem não ter fim,

**“UMA FOTOGRAFIA PODIA MUDAR A MINHA VIDA, MAS, NA CIDADE DE DEUS, SE CORRER O BICHO PEGA, E SE FICAR O BICHO COME”
– BUSCAPÉ**



Cidade de Deus é um dos longas-metragens que mais causaram discussões e debates na história do cinema brasileiro, obtendo uma audiência de mais de 3,2 milhões de espectadores em seu lançamento.

Realidade x Ficção

Embora o papel do cinema nacional não seja necessariamente divulgar a realidade, Cidade de Deus é uma obra que propõe uma estética mais realista, preenchendo uma lacuna deixada pelos telejornais do país – somente os noticiários locais se preocupam em mostrar os acontecimentos rotineiros como os que o filme aborda e, mesmo assim, a exposição é bem pequena, o que acaba contribuindo para a “normalização” desses fatos.

As cenas de violências mostradas na obra, apesar de serem fictícias, foram extraídas de fatos verídicos, contendo uma ampla riqueza de detalhes que confundem o espectador. Muitas pessoas de fora das comunidades, após assistirem ao filme, costumam se perguntar se tudo aquilo realmente é algo “normal” nas favelas ou se houve algum exagero por parte dos produtores para valorizar a trama.

Algo que atrai ainda mais o espectador é a ousadia utilizada na linguagem para explorar a história de gangues violentas que disputam o controle do tráfico de drogas na favela, uma vez que os produtores se preocuparam em apropriar-se de gírias, jargões, gestos e trejeitos que são verdadeiramente comuns no Rio de Janeiro.

O dia a dia dos moradores das tradicionais comunidades cariocas é repleto de acontecimentos violentos e que fogem do que a lei indica ser o correto – além do tráfico de drogas em si, há também constantes guerras entre gangues e milícias. Com a intenção de reforçar o caráter realista das cenas, para transmitir ao público maior sensação de veracidade, esses eventos são fielmente expressados por meio de um enredo bastante intenso.

Tanto a maldade quanto a bondade das pessoas que vivem na Cidade de Deus fazem relação direta com o protagonista, Buscapé, que pelo seu olhar como fotógrafo pode passar a realizar uma análise do cotidiano da favela em que está inserido. Dadinho, por exemplo, é um personagem que vive como um bandido perigoso

que passou a comandar todas as “bocas de tráfico” da região, adotando o apelido de “Zé Pequeno”. Por consequência, ele mostra ser uma pessoa gananciosa e com pretensões de ser famoso por conta do seu poder.

Mais à frente, Zé Pequeno tenta seduzir uma mulher e, após ser rejeitado, a estupra e metralha sua casa. Essa pode ser considerada uma cena de grande verossimilhança e fiel ao mundo real, especialmente no caso do Brasil, considerando-se os altos números de feminicídios que envolvem o contexto nacional.

Qual a mensagem?

Cidade de Deus reproduz o conceito de que tanto a bondade quanto a maldade são características naturais na realidade do Brasil, e que, embora o local em que você cresça e viva possa influenciar em seu comportamento, pessoas predestinadas a serem boas não necessariamente serão induzidas a seguir pelo mau caminho. Mas, segundo o argumento principal do filme, aquele que nasceu ruim pode se tornar ainda pior dentro das favelas.

Isso é o que mostram as histórias de Buscapé e Zé Pequeno – enquanto o primeiro consegue sair da favela sem nunca ter empunhado uma arma, o segundo nasce e morre sendo bandido, uma vez que sua essência má já estava pré-estabelecida desde sempre.

Justamente por abordar questões universais, é que o filme, para além de seu poder de denúncia social e representação da realidade, é um clássico do nosso cinema que, quase 20 anos após seu lançamento, vale a pena ser (re)assistido.

Ficha Técnica

Cidade de Deus

Ano de produção: 2002

Estreia: 30 de agosto de 2002

Direção: Fernando Meirelles e Kátia Lund

Duração: 130 minutos

Classificação: +16 anos

Gênero: Drama; Nacional; Policial.

CIDADE INVISÍVEL

A SÉRIE TRAZ VISIBILIDADE?

por Ellen Coutinho & Rafaela Oliveira

Lançada em fevereiro de 2021 pela plataforma de streaming Netflix, a série “Cidade Invisível” chegou ao top 10 de 60 países e, de acordo com o “What’s on Netflix”, foi a série mais popular da Netflix no Brasil.

Com protagonismo do ator Marco Pigossi, conta com uma abordagem contemporânea sobre o folclore brasileiro e apresenta vários dos personagens mais conhecidos dessa mitologia, entre eles o Saci, a Cuca, a Iara. Para além das resenhas positivas da série, ela também foi duramente criticada: internautas, entre eles diversos militantes indígenas, afirmam que ela não possui a representatividade indígena necessária. Afinal, porque isso é um problema?

Segundo Arua, da etnia Guarani Kaiowa, artesão Kalapalo, indígena e militante da causa: “A questão de dar mais visibilidade indígena é um tema bem recorrente e precisamos criar as oportunidades para conseguirmos criar essa visibilidade com as ferramentas que possuímos, que estão em nosso alcance”.

Carla Wany Tuxá, também militante indígena, artesã e formanda em Fisioterapia pela Universidade Federal da Bahia, dá os motivos pelos quais não se sentiu representada, afirmando que não houve cuidado do estudo do folclore por parte dos atores e atrizes da série:



A sinopse da série no catálogo da Netflix define os personagens como ‘criaturas folclóricas’.
(Reprodução: Netflix)

“Quando descobri que a Netflix produziria essa série eu fiquei bastante animada. Geralmente as pessoas dão mais valor ao que é ‘de fora’, e não o que é brasileiro, mas acabei me frustrando em alguns momentos. Não apenas por conta da falta da representação indígena, mas também porque, geralmente, produções de plataformas internacionais possuem todo um cuidado para ir atrás de informação e estudo para interpretar, e achei nítido que isso não existiu na série”, disse.

Luara Marques, também indígena e militante da causa, aponta o seu descontentamento para a mesma questão, “vi muitas pessoas tentando passar por cima do nosso desconforto, dizendo que fez sucesso em tal país, mas a questão não é apenas essa representação ‘lá fora’, afinal, eles não conhecem o que existe aqui como nós!”

Segundo o antropólogo Hugo Virtillo, formado pela Universidade de Brasília (UnB), até mesmo o termo “folclore” é considerado problemático, pois, apesar de etimologicamente ele possuir outro significado, quando utilizado no senso comum é entendido como um sinônimo de lenda, onde todos os seus aspectos seriam supostamente irreais.

"As entidades e lendas que eu mais fiquei pensando foram a da lara, que é bastante presente na cultura do meu povo, acreditamos na mãe d'água. E ela foi abordada na série de maneira totalmente diferente." –, Carla Tuxá, dá, novamente, seu ponto de vista sobre a série.

A AMBIENTAÇÃO DA SÉRIE

A questão da série ser trazida para o ambiente urbano foi bastante comentada, abordamos o assunto com alguns dos entrevistados: O antropólogo Hugo Virtillo diz que “quando retiram o estereótipo do folclore ambientado ‘no meio do mato’, é trazida a possibilidade de pessoas de todos os lugares do Brasil – para além do Norte e do Nordeste – possuírem essa crença”. Carla Wany comenta sobre essa questão: “Eu sou indígena do Nordeste e tem entidades que são muito fortes na cultura do meu povo. Esses seres são da natureza, ou seja, onde a natureza estiver precisando de proteção, elas vão e Nesse sentido a série não causa nenhum incômodo.” Já o entrevistado Kaiowã diz que se incomodou um pouco com a ambientação: “disseram que era uma nova roupagem, uma nova abordagem, um novo ângulo para o folclore brasileiro, mas eu senti muita falta de elementos indígenas, algo que reforçasse a origem, e não mudasse”, aborda o artesão a respeito dos locais de gravações.



Artesanato da loja 'Tukunapé Arte Indígena', que busca valorizar a cultura e trazer história, cultura e conhecimento através da arte. (Reprodução: Mídias da loja)

O PAPEL DA MÍDIA NAS PAUTAS SOCIAIS

Atualmente a Netflix acumula cerca de 28 milhões de assinantes, e outras diversas plataformas de streaming estão se destacando cada vez mais. Com a tecnologia em seu auge, principalmente em tempos de pandemia, observamos o crescimento da produção e da quantidade de espectadores de filmes, séries, reality shows

É nítido que, com o aumento das reivindicações de pautas sociais, a mídia também busca trazer esses temas para sua produção. No caso de Cidade Invisível não foi diferente: em uma das cenas, a Inês – ou Cuca – (Alessandra Negrini) vendo o passado da policial Márcia (Aurea Maranhão) descobre o preconceito que sofreu da mãe por conta de sua sexualidade.

Outro ponto abordado por Hugo é a respeito da importância desses temas na cultura pop: “a mídia é um dos muitos articuladores que contribuem para o pensamento da sociedade.

O grande alcance devido à Netflix, contribui para que séries como Cidade Invisível tragam o debate da valorização da cultura brasileira, por ser uma releitura da história do folclore para cultura pop". Apesar disso, ele ressalta que, justamente por fazer parte de uma grande produção, a série deveria possuir personagens indígenas para trazer essa representação de um grupo que há muito é, muitas vezes, invisível e estereotipado em grandes produções.

Aruan comentou que possui o mesmo pensamento, e debate a respeito da importância da aproximação dos papéis indígenas na cultura pop, porém não com o olhar estereotipado das grandes produções: "ao invés de corrigir ou reeducar um assunto eles acabam extrapolando, e bagunçando ainda mais a cultura.", afirma.



Carla Wany utiliza um acessório indígena que ela mesma confeccionou. (Imagem enviada pela entrevistada)

ESPERANÇA DE MUDANÇA?

Carla Wany também comenta sobre a falta de representatividade na produção da série como um todo: "A produção não teve o cuidado de conversar com os indígenas (...) nós temos cineastas, atores e atrizes indígenas esperando uma oportunidade, e quando surge algo assim, que poderia dar essa oportunidade, parece que não querem." - Wany conclui dizendo que espera que após as críticas às séries, eles mudem essas questões.

Nossa entrevistada, Luara Marques, quando questionada sobre a próxima temporada da série, afirma que espera que tenham uma tentativa de dar voz às críticas e que deem mais atenção e respeito para a cultura do próprio país. Já Aruan diz que, por mais que tenha curiosidade de ver a segunda temporada da série para observar mudanças, fica receoso de possuir esperanças: "nós já tivemos diversos exemplos de críticas, especialmente em produções brasileiras, em que disseram que iam ouvir a respeito das mudanças, e não o fizeram".

Acabavam transformando a aparência e roupa de atores de produções para conseguirem 'corrigir'. (...) hoje nós temos a oportunidade de ilustrar para outras pessoas, através das mídias sociais, a importância da nossa cultura, podemos expressar nossa opinião" - finaliza.

O FENÔMENO DA TERRA DO SOL NASCENTE

COMO OS DESENHOS E MANGÁS SAÍRAM DA ILHA NIPÔNICA PARA GANHAR DESTAQUE E RECONHECIMENTO AO REDOR DO MUNDO, ATINGINDO UMA LEGIÃO DE FÃS QUE SÓ CRESCE COM O TEMPO.

Em 1994, uma equipe da Rede Manchete realizou uma reunião com a distribuidora de brinquedos Samtoy, com o intuito de conseguir mais um patrocinador para a emissora. A empresa queria trazer para a programação infantil um desenho de ação japonês. Durante os intervalos da animação, haveria comerciais para promover os bonecos.

De início, houve certa resistência por parte da TV Manchete, devido ao desenho conter algumas cenas com sangue. Mas, como a emissora estava tendo números baixos em sua audiência e precisava do dinheiro do patrocínio, a proposta foi aceita. Começou, assim, a transmissão do anime Cavaleiros do Zodíaco, e assim teve início uma febre que perdura até hoje, a grande onda dos animes.

No restante dos anos 90, outras emissoras brasileiras, seguindo o mesmo caminho da Manchete, decidiram incluir os animes em suas programações. Com isso, as animações japonesas se tornaram um sucesso no Brasil e deram espaço para a entrada dos mangás no país.

Atualmente, animes e mangás são divididos em cinco principais categorias que vão definir o estilo da narrativa e o público-alvo. O estilo mais famoso é o shounen, voltado ao público infanto-juvenil masculino e que possui muita ação. Também há o shoujo, que é direcionado ao público infanto-juvenil feminino. Para os adultos, existem duas categorias: o seinen e o josei. Ambas trazem histórias relacionadas ao cotidiano de uma pessoa mais madura, só que cada uma é voltada para

um gênero. Por último, existe o estilo que apresenta uma narrativa mais leve e para crianças, o kodomo.

Com tantos tipos de animes e mangás, o universo online se tornou uma opção para os “otakus”, termo usado pelos japoneses para definir alguém que é muito fã de algo, que buscavam saber mais sobre essas produções japonesas. Essa “inquietação” foi um passo importante para o surgimento de comunidades nas redes sociais, que tentavam sanar essas buscas e também se tornaram um espaço “seguro” para conversar sobre animes e mangás.



ALÉM DAS PÁGINAS E DAS TELAS

As comunidades de redes sociais, com o tempo, mostraram não serem o suficiente para os otakus. Então, a necessidade de encontrar as pessoas dos ambientes online, para falar mais sobre essas obras nipônicas, eventos sobre animes e mangás foram criados, com a intenção de agrupar todo tipo de conteúdo voltado aos fãs das produções japonesas.

A convenção Anime Friends, que reúne mais de 120 mil pessoas e é a maior de cultura otaku/geek das Américas, é uma grande amostra disso. Dentro do evento, os fãs têm a possibilidade de fazer e ver coisas que não são muito comuns na sociedade. O principal é o Cosplay, onde os participantes se fantasiam de seus personagens favoritos da cultura pop japonesa e se sentem à vontade. Além disso, nesse tipo de evento os fãs conseguem encontrar qualquer estilo de mangá e anime, desde os de ação até os de romance.

Entretanto, os eventos de animes costumam ser realizados uma vez ao ano e isso acaba por limitar a busca dos fãs por mais conteúdo, além da distribuição demorada, realizada no Brasil, das produções japonesas. Uma alternativa encontrada foi a pirataria de animes e mangás, com os episódios sendo rapidamente disponibilizados na internet. Pouco tempo depois do lançamento em canais oficiais do Japão, muitos otakus consumiam por esse meio.

Na intenção de combater a pirataria e atrair fãs, surge o serviço de streaming Crunchyroll, conhecido como a “Netflix dos animes”, permitindo que se assista gratuitamente pela plataforma com algumas propagandas, podendo pulá-las com a assinatura. Atualmente, a plataforma possui 4 milhões de assinantes, e o Brasil é o terceiro país que mais acessa o serviço.

Mas o fenômeno dos animes e mangás não se conteve apenas no papel e nas telas. Com o enorme alcance dessas produções, as empresas

de games decidiram apostar nesse meio e atualmente os jogos de animes são uma das principais categorias no mundo dos video-games. A Bandai Namco, principal desenvolvedora de jogos relacionados a animes, no ano de 2018 faturou 2,7 bilhões de dólares, sendo a décima empresa com maior faturamento no meio dos games.

Para entender mais sobre esse fenômeno da cultura japonesa, a Revista 7ª Arte conversou com o otaku Guilherme Blumenfeld e com a pesquisadora Aline Mendes Silva.



A VISÃO DO FÃ

A Revista 7ª Arte entrevistou Guilherme Blumenfeld, estudante da Universidade Anhembi Morumbi, atualmente no último ano do curso de Publicidade e Propaganda. Aos 21 anos, o jovem é grande fã de animes e mangás e consome esse tipo de conteúdo desde a sua infância, mesmo tendo encontrado o julgamento de seus colegas de escola durante a juventude. Hoje, ele lê mangás e assiste a animes todos os dias e não consegue ficar sem dedicar uma parte do seu dia a isso.

Por videochamada, Guilherme falou sobre sua vivência e experiência com os animes e mangás. O jovem mostrou como é a vida de um otaku, em meio à sociedade brasileira, e contou como são os eventos de animes e mangás.

Revista 7ª Arte: Guilherme, conta para gente: como começou essa paixão por animes e mangás na sua vida, quando você começou a consumir e procurar mais desse tipo de conteúdo?

G.B: Bom, eu comecei como qualquer um que cresceu no começo dos anos 2000, com meus 4-5 anos já assistia muito Dragon Ball, Pokémon, Digimon, Naruto, os mais básicos que passavam na Tv Aberta e por canais como o Cartoon Network, mas sempre em episódios soltos. Eu assistia o que a TV quisesse me mostrar, e eu gostava, mas eu acabava ficando muito interessado para saber como continuavam aqueles episódios. Até que um dia, um amigo veio em casa e me apresentou um site onde eu conseguiria assistir todos os episódios em sequência, quando quisesse. Assim, eu fui pulando de animes, conhecendo outros gêneros como romances e dramas, e quando eu vi já estava marcando mangá para ler online.

Revista 7ª Arte: E em que período da sua vida você decidiu começar a acompanhar por sites, o momento que seu interesse foi o suficiente para continuar acompanhando essas obras?

G.B: Eu fui cultivando esse carinho pelos animes com o tempo, mas comecei a acompanhar eles de verdade quanto tinha uns 10 anos, e foi algo que foi escalando, dos animes da TV, para assistir online quando já conseguia acompanhar as legendas. Eu não sei com que idade foi exatamente, mas chegou uma hora que eu consumia tanto aqueles que me interessavam que os episódios já não acompanhavam, então comecei a ler os mangás pela ansiedade de saber o desenrolar da obra.

Revista 7ª Arte: E quanto aos seus amigos, na escola por exemplo, você se sentia confortável para compartilhar seus gostos com colegas ou era algo que você achava que seria motivo de piada?

G.B: Era bem difícil, principalmente na escola, eu sempre me senti meio deslocado. Inclusive, quando eu tinha meus 14 anos, uma professora pediu na aula de música para mostrar um vídeo, na ideia de mostrar uma composição e harmonia com as imagens em si, e eu achei interessante levar uma abertura de anime. Acabou que eu nem consegui terminar de apresentar, a maioria da sala ficou gritando para “tirar aquela merda, porque ninguém queria assistir o meu desenho ridículo”, entre outras coisas, e depois disso eu me fechei um pouco, com medo de me sentir mais deslocado ainda. No começo eu conversava sobre com o meu irmão que também se interessa, mas com o tempo fui conhecendo amigos da minha idade que compartilhavam desses gostos comigo, e me fez perceber que eu não era deslocado ou algo assim, só estava no lugar errado.

Revista 7ª Arte: E comunidades online, esse tipo de grupos assim você não costumava entrar neles?

G.B: Eu demorei muito para começar a me interessar em entrar nessas comunidades online, só entrei mais tarde no Facebook, e entrava em um grupo específico para cada anime, o que acaba influenciando muito no tipo de pessoa também que tá ali. Com cada tipo de obra mostrando uma maioria de uma visão, com algumas obras como o Boku no Hero Academia, que tem uma comunidade mais progressista e aberta para personagens LGBTQ+ por exemplo, e outras como o próprio Dragon Ball, que tem uma galera velha e mais conservadora, que diria algo como “ah lacação” para qualquer tipo de coisa, sabe? Ainda tem algumas comunidades que tratam a obra com um certo preciosismo, acontece muito em casos de mangás que vão ganhar sua primeira adaptação em anime, com gente dizendo que a comunidade vai ficar ruim, por agora alcançar um público que não foi



atrás daquele conteúdo antes, como se buscassem uma certa exclusividade sobre aquilo.

Revista 7ª Arte: E nos eventos, você já foi em algum? Conta um pouco sobre o que tem por lá, como você se sente estando lá?

G.B: É basicamente um lojão, várias tendas para comprar diversas coisas relacionadas aos animes, e também tem diversas atrações como shows, e apresentações, e ali no meio é outra coisa, é muito engraçado porque você sente que tá ali à vontade com todo mundo, sabe? Eu me lembro de quando fui em um Anime Friends em que eu fiz um Cosplay de um personagem que eu gosto muito, o Tsuna de Reborn (ficou uma b*sta), e nesse anime existe um grupo de 7 amigos que lutam juntos, e enquanto andava pelo evento eu encontrei um grupo de 6, exatamente todos juntos faltando apenas o Tsuna, que era eu. Assim que eles me viram já gritaram de longe para ir falar com eles, me chamando pelo vulgo do personagem no anime, andar ali é ter certeza que eu não vou ser atacado e ridicularizado pelas coisas que eu gosto, vou poder cantar minhas músicas, conversar sobre o que eu gosto com qualquer um e até mesmo me vestir como um personagem caso queira, e eu entendo que é realmente estranho para quem não conhece nada sobre, mas é um momento que eu posso simplesmente me jogar naquilo, de aproveitar aquele momento até o fim, sem medo de ser ridicularizado por isso.

Revista 7ª Arte: E sobre essa onda, você acredita que os mangás e animes são um movimento em ascensão, e que ainda tem muita coisa boa para ser lançada ou já saindo, ou a fórmula se tornou repetitiva demais?

G.B: Eu acredito que cada vez mais tá tendo um lançamento de obras mais relevantes para o público geral, exemplo o Boku no Hero que aborda um mundo com super-heróis, que reflete um pouco sobre esse grande estouro de filmes de heróis, o Shingeki no Kyojin que pode ser analisado para fazer

diversas comparações políticas e sociais, como a guerra e suas consequências, e a gente vê como diversas vezes para que mais pessoas estão mais dispostas para experimentar esse tipo de conteúdo, que existe muita diversidade dentro do aspecto dos animes e mangás, com obras mais adultas e complexas, aventuras voltadas para um público mais jovem, o que acaba quebrando um pouco essa visão rum que algumas pessoas levam como de alguém que gosta de animes.

Revista 7ª Arte: E quanto a questão da fórmula, você acha que dá pra falar dos animes em um contexto geral, de que é uma fórmula repetitiva?

G.B: Cara, é que falar só de shonen a gente ficaria andando no mesmo ponto, mas toda obra tem o seu ciclo que é bem fácil de perceber. Nos animes shoujo a gente tem muito do tipo: "a menina que gosta do menino, mas ela não vai falar porque ela tá com vergonha" E eles vão desenvolvendo isso. Mas basicamente, todos os animes acabam tendo um padrão. É difícil de inovar.

Como você disse no shounen, os animes de porrada, tem esse padrão de sistema de poder, o arco de torneio e tudo mais. E o que chama atenção, além do visual, é



quando o autor sabe inovar ali dentro. Um dos meus animes favoritos é Black Clover, e ele é o clichê, o padrão. Só que o Black Clover pega o padrão e inova. Ele tenta trazer personagens interessantes, trazer coisas mais interessantes além do tipo: "olha esse poder que legal". Sim, realmente tem esse negócio de que se repetem sempre, só que é tentar dar outros atrativos que causem o interesse. Por que eu não vou só assistir Fairy Tail? Ou só assistir Boku no Hero? Ou só assistir One Piece? Porque eu posso pegar e "car*lho mano, olha o Asta tá muito mais daora do que antes". Ou tipo: "Nossa o desenvolvimento do Endeavor tá muito legal, tá realmente sendo algo diferente". Aí é realmente isso que a gente fala de quebrar padrão do shonen. É você pegar a ideia que a gente tem e reformular ela. É o negócio do Hunter que tem tudo isso. Ele tem um sistema de poder, tem arco de torneio, tem os interesses ali. Só que o cara pegou e falou: "Não, esse vai ser o melhor sistema de poder que existe. Esse torneio não vai ter só porrada, vai ter mais coisas".

Revista 7ª Arte: E para finalizar, que recomendação de anime e mangá você sugere?

G.B: O Boku no Hero é o melhor para você começar, se quiser assistir um anime só daora. Se você quer um romance tem o Lovely Complex e o Sakura-sô no Pet na Kanojo, esse daqui é excepcional. Também tem o Gokushufudou: Tatsu Imortal, que entrou agora na Netflix. Todos são ótimos, mas são casuais. Agora se você está procurando um mangá, tem três que eu falo o tempo todo. Um é o Records of Ragnarok, uma porradaria franca entre deuses e humanos, se você gosta de ação você vai adorar. Chainsaw Man, que é um mangá que vai refletir muito sobre a existência dos medos humanos. E o mais importante para mim, Oyasumi Punpun, que na minha opinião é uma das obras mais deprimentes, tristes e bonitas que eu já li na minha vida. E se você quer algo emocional, é esse, fala sobre um garoto problemático crescendo, lidando com os problemas da vida, começando a se apaixonar e entendendo tudo isso. Eu acho que Oyasumi Punpun é um mangá que

todo mundo devia ler em um momento da vida, mas em um momento em que esteja bem da cabeça.



UM OLHAR CRÍTICO

Para entender o cenário do mangá e do anime no Brasil, a Revista 7ª Arte também conversou com a pesquisadora - e fã - Aline Mendes Santos, de 21 anos. Aline realizou uma monografia analisando a obra Devilman Crybaby como trabalho de conclusão de curso em Cinema. Atualmente cursando o Mestrado em Comunicação na Universidade Anhembi Morumbi, ela continua a pesquisar sobre as muitas questões que podem ser debatidas através desse tipo de conteúdo.

À Revista 7ª Arte, a jovem pesquisadora falou sobre o impacto cultural dos animes e mangás e os motivos que levam esse tipo de produção a conquistar cada vez mais fãs ao redor do mundo.

Revista 7ª Arte: Aline, conta para a gente: antes de qualquer coisa, de onde e quando surgiu sua paixão pelos animes?

A.M.S: Eu tenho uma memória muito antiga de acompanhar Speed Racer com meu pai, que também tinha um restaurante japonês na época, e me lembro de pararmos para assistir juntos quando eu tinha meus 5 ou 6 anos de idade, mas comecei a me envolver mesmo por volta dos 11 anos, quando já buscava por mangás nas bancas, o grande anime do momento era o Naruto, ainda me lembro do primeiro mangá que comprei, o Naruto Vol. 22



Revista 7ª Arte: E como era isso na época? Você costumava acompanhar os animes de que forma? Tinha muita gente pra conversar sobre?

A.M.S: Eu tinha o costume de assistir por meio de alguns sites não oficiais, e na época usava o Anime Spirit, que era um blog onde eu publicava os meus próprios contos com alguns personagens de Naruto, os membros da facção Akatsuki. Eu conversava mais com as pessoas sobre isso online, em blogs, mas não era algo muito “legal” ser otaku naquela época, então eu ficava mais na minha em relação a isso.

Revista 7ª Arte: Hoje, você continua consumindo dessa forma? Como funciona esse processo de se interessar e de fato se comprometer em assistir ou ler alguma obra?

A.M.S: Eu não sou muito de ler as coisas online, então primeiro eu assisto o anime, se tiver a opção, antes de me dedicar a comprar o mangá, por ser ainda difícil manter uma coleção, os preços dos volumes subiram muito, então agora eu mantenho essa estratégia para ter certeza de onde eu estou investindo. Não gosto muito dos serviços de streaming específicos de anime, então a maioria dos que eu acompanho assisto por sites não oficiais.

Revista 7ª Arte: E por enquanto, qual você tem acompanhado, e por quê?

A.M.S: Agora estou acompanhando o Attack on Titan (Shingeki No Kyojin), estou lendo o mangá online, esse não teve como, eu me rendi (risos), todo o universo dele é extremamente interessante, a história apresenta diversos contextos políticos para se relacionar, e eu quero muito descobrir como se encerra tudo isso.

Revista 7ª Arte: Então o que você diria que busca em um anime ou mangá, quando procura um novo? Qual o diferencial que faz com que você desperte o interesse e comece a de fato usar do seu tempo para consumir aquela obra?

A.M.S: No caso do anime, o diferencial pra mim é a trilha sonora e a estética, acho que em alguns casos, como Akira, ou Devilman Crybaby, elas podem dar toda uma nova atmosfera para a obra. No caso do mangá, eu preciso de uma história que me prenda, que eu consiga ficar criando teorias ali de como vai se resolver o capítulo que acabei de ler. Também busco sempre outras obras de autores que eu já vi ou li algo.

Revista 7ª Arte: No caso então você acha que as fórmulas acabam se tornando muito repetitivas?

A.M.S: Com o tempo eu fui me distanciando e desgastando da fórmula shounen, que são as obras voltadas pro público mais jovem, como Naruto, Boku no Hero Academia,

quase sempre apresentam uma variedade de poderes, lutas e um garoto com um sonho.

Hoje eu procuro obras com mais contextos, ainda que goste muito dos dois citados, tenho problemas de acompanhar outros que seguem a mesma linha, não é difícil eu começar um anime e desistir depois de poucos episódios.

7ª Arte: E para você chegar a considerar um TCC sobre um anime, o que ele tem de diferente que te inspirou a realizar esse trabalho?

A.M.S: A questão que me fez escolher o Devilman como tema foi não só sua complexidade em termos de narrativa, com diversos símbolos e referências religiosas, mas também uma trilha musical intensa e incrível, em conjunto com a estética para a versão da Netflix, que serviu muito bem com a atmosfera da obra japonesa.

Revista 7ª Arte: Acredita que os animes e os mangás influenciam as pessoas a conhecer a cultura japonesa?

A.M.S: Acredito que sim, a gente acaba sendo influenciado, ainda que de forma estética, ou mesmo um pouco pegando um pouco dos conceitos dessas adaptações de histórias da cultura oriental, é interessante perceber como reagimos e percebemos certas coisas de formas diferentes.

Revista 7ª Arte: O que você pensa sobre os animes dublados e os legendados? Possui preferência?

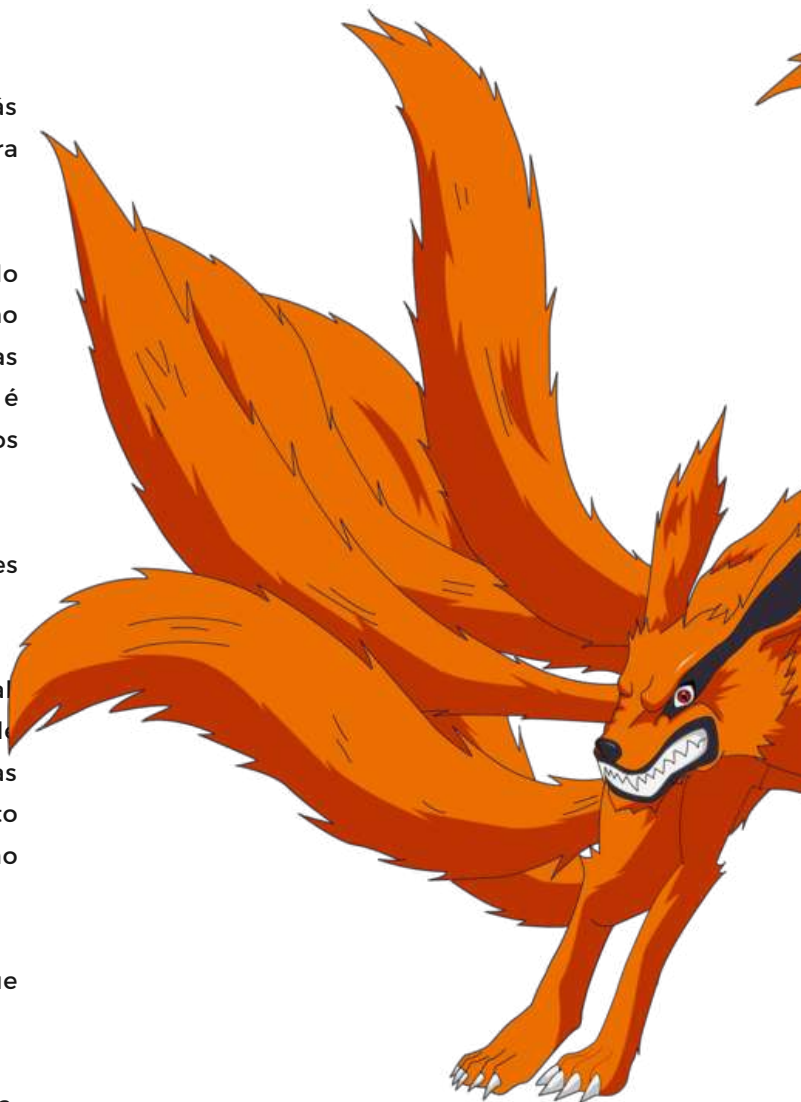
A.M.S: Eu particularmente prefiro o áudio original acredito que mesmo com um bom trabalho de dublagem, e a dublagem brasileira é uma das melhores do mundo todo, ainda prefiro. Mas é muito importante reconhecer e apoiar a dublagem como uma forma de alcançar cada vez mais pessoas.

Revista 7ª Arte: Aline, para finalizar, que recomendação de anime você pode nos dar?

A.M.S: Dororo, que é uma história linda sobre guerra, do mesmo criador do clássico Astroboy,

Osamu Tezuka, disponível na Amazon Prime, é uma obra mais adulta, mas que definitivamente vale a sua atenção.

PARA VER A LINHA DO TEMPOS DOS ANIMES E MANGÁS, LEIA O QR CODE ABAIXO:



ALUCINAÇÕES COLORIDAS

CRÔNICA POR JULIANA QUEIROZ

Percorro as linhas da calçada pensando no que falta na cidade, não digo as obviedades da vida, como a segurança e igualdade que não alcançam metade da capital. Longe disso, penso naquilo que falta e ninguém vê. Devia existir algo a mais, é difícil dizer quando não se conhece nada além do que você já experimentou. Consigo comparar essa ideia com o ato de nomear os objetos. Se seguirmos um raciocínio lógico e direto só conhecemos tudo porque tudo que conhecemos nos foi ensinado, chamamos cadeira de cadeira porque é assim que é pra ser.

Então, se não conhecemos alguma coisa, como podemos achar que ainda falta algo? Começo a achar que estou ficando maluca, só pode ser. É difícil viver a vida que ensinaram que eu deveria viver só com os meus pensamentos por aqui, nada além deles, mas deveria ser fácil já que é a única vida que eu conheço.

Quando nasci as coisas já eram assim e quem veio antes – bem antes – não se atreve em contar ou já está muito velho para isso. Por isso que não devemos confiar nas “alucinações coloridas”. É assim que é chamado o passado contado por aqueles que não tem mais uma memória confiável.

Uma vez um senhor com muita idade começou a puxar assunto comigo no ponto de ônibus. Foi um mau dia, porque eu estava atrasada para o trabalho e nenhuma desculpa que eu desse acalmaria os nervos do meu chefe naquela manhãunca esqueci minha pequena conversa com ele. “Tenho pena de vocês”, o senhor disse. Ele tinha o cabelo completamente branco e seu rosto cansado me contava em segredo que ele já havia visto muita coisa nesse mundo, muita coisa que eu provavelmente nunca veria.

Pensei em ignorar, mas não seria do meu feitio. “Do que o senhor tem pena?”, respondi. Vi os olhares vazios caindo sobre mim, aquele homem não era digno de atenção para ninguém. “Da vida de vocês.”, ele me encarou por alguns segundos. Eu sabia que era verdade, passei vinte e dois anos acreditando em tudo que me contavam, mas eu sabia que tudo que eu sabia não podia se resumir aquilo. “Por que?”, a esse ponto eu já não estava tão interessada em ver meu ônibus chegando, era difícil ver pessoas mais velhas andando livremente e por isso eu desconfiava que a memória delas valia mais do que qualquer outra coisa.

Ele riu. Uma risada lenta e triste, como se nada que ele falasse naquele momento fosse suficiente para a grandiosidade da vida que um dia foi dele. “O mundo de vocês é uma merda.”, olhou pra cima tentando alcançar minha altura e saiu disparando umas palavras que seguiam uma melodia bonita, como se elas se encaixassem. O que era aquilo? Não me parecia que ele estava alucinando, eu acreditava nele.

Já existiu uma vida em que talvez eu não me pegasse pensando no que falta e ninguém vê pelas calçadas da rua. E os dias talvez fossem melhores e provavelmente eu não deveria estar deixando registrado o que eu penso nessa folha. Eu não sei nem o que estou escrevendo, nunca tive nada para comparar, tudo que leio é referente a faculdade de engenharia e, Deus, como eu odeio engenharia.

Queria cursar outra coisa. Eu sei que queria. Mas como eu posso ter tanta certeza, se não conheço nada além do que já sei?

A Equipe

repórteres:

Alice Castelo
João Nogueira
Ellen Coutinho
Gustavo Fritz
Lucas Almeida
Lucas Siqueira
Mariana Souza
Marcos Paulo Sibinel
Rafaela Oliveira
Renan Honorato

articulistas:

Gustavo Fritz
João Nogueira
Juliana Queiroz
Valentina Favaron

editores de arte:

Lucas Almeida
Renan Honorato
Valentina Favaron

secretária de redação:

Juliana Queiroz



